ANO 12.º LISBOA — QUINTA-FEIRA, 12 DE MAIO DE 1932 N.º 3411

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor:
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O COMANDANTE sr. Quirino da Fonseca começou hoje, no "Diario de Noticias„ a historia do Parque Eduardo VII. Pelo primeiro capitulo vê-se que ela tem sido demorada, complicada e tormentosa, estando longe ainda do seu epilogo. Afirma o sr. Quirino da Fonseca que "tem havido projectos de mais e muito desejo de notoriedade por via deles„. Supunhamos ingenuamente que, nêstes assuntos de interêsse geral, como os que dizem respeito á cidade, a ninguem era licito destacar a sua personalidade, com direito ou não a futuro monumento. Verificamos agora que viviamos confundidos nas trevas do êrro. Só assim se explica, que sendo, com modificações, o plano Forestier, o melhor que convinha ao Parque Eduardo VII, êle tivesse sido pôsto de parte, muito embora a opinião publica lhe desse, quasi por unanimidade, a sua aprovação. Felizmente, que o projecto Forestier volta de novo a actualidade, com a sanção de arquitecfos inteligentes e desapaixonados que, pela primeira vez, puderam emitir o seu parecer.

* * *

TOMÉ Vieira, jornalista distinto, que mais de uma vez tem emocionado a opinião publica com as suas admiraveis reportagens do crime, publicou agora o seu primeiro livro, *O Amor e a Lama*.

Trata-se duma magnifica estreia literaria, digna de registo, que o coloca na vanguarda dos nossos melhores novelistas. *O Amor e a Lama* é uma série de contos copiados da vida real, tendo por cenario os bairros pobres, as grades das cadeias, e ainda certas casas, de sombria e dramatica miseria moral.

Tomé Vieira dá-nos quadros duma verdade apunhalante, em que a sua piedade, por vezes, se manifesta, numa sêde de justiça e de clemencia, que impressionam e enternecem.

O Amor e a Lama revela-nos um escritor de poderosas qualidades de observação e emoção, que deve fazer carreira, atingindo a alma do grande publico.

* * *

A FOLHA oficial publicou um decreto criando mais um juizo de menores na Tutoria Central da Infancia de Lisboa e dois lugares de delegados de vigilancia, e separando as funções da Casa de Observação (Refugio) dos de curador da Tutoria.

* * *

O PROFESSOR metodologo do Liceu Normal, sr. Alfredo Tenorio de Figueiredo, foi escolhido para dirigir, nos termos do estatuto do ensino secundario, os serviços referentes aos pontos de exame.

* * *

ENCONTRA-SE doente ha alguns dias o sr. Alvaro Pinheiro Chagas, ilustre jornalista e secretario geral da Sociedade Estoril. Desejamos o seu pronto restabelecimento.

Os descontentes

Preguntaram a Chateaubriand se ele entendia que a França detinha alguma qualidade especial que a tornasse superior ás outras nações. O autor do «Genio do Cristianismo» respondeu indirectamente:

— Quando a França está contente, a terra inteira vive em paz.

Porventura sem dar por isso, ele atribuiu ao seu pais a primazia que corresponde a uma deformação, no sentimento das realidades. A felicidade do planeta depende duma condicional— que os franceses estejam satisfeitos. Sob a influencia do pessimismo, os individuos e os povos condenam-se a negar o esforço, o valor dos feitos para a determinação dos meritos. Salomão, que bebeu o prazer por taças de ouro e rubis, constatou um dia que não existe na terra satisfação que não se reduza a pó:

— *Vanitas Vanitatum*!

E o «Cantico dos Canticos», que desabrochou numa hora de paixão ardente—os olhos do profeta postos na altura das estrelas—veio a amortecer-se em maguas que ainda hoje afloram aos nossos labios:

—Sofri e amei—do sofrimento nasceu a liberdade e do amor o cativeiro: como hei de livrar-me duma condição que me limita sempre no bem que conquisto e me isenta de cadeias no mal que me tenta?

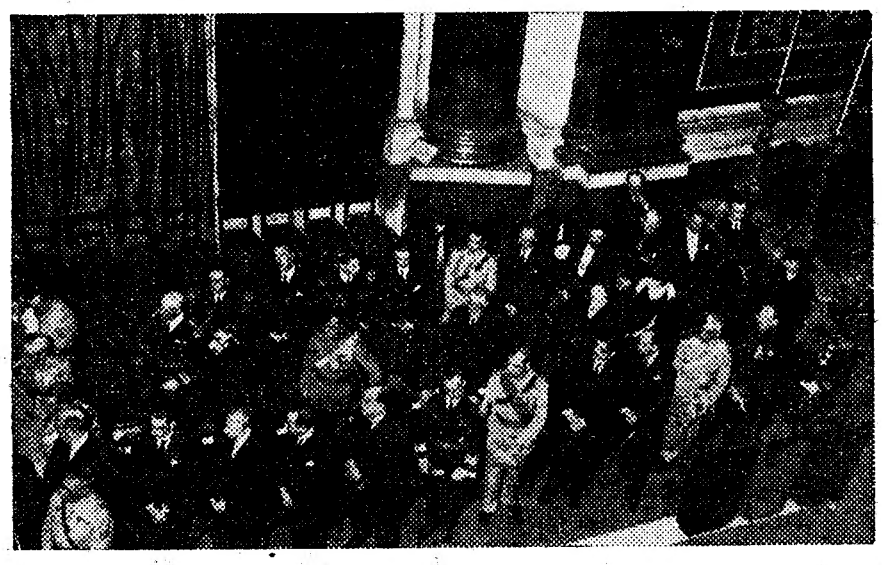
Salomão é um exemplo entre mil: viveu, gozou e esgotou a sua provisão de ilusões. Quando imaginava que tudo lhe seria facil, reconheceu que a vida envelhecera, no seu coração: o poema de Salamite converteu-se em elegia e nas corolas das açucenas apareceu a corrupção—a mancha fatal que significa o termo da inocencia, alastrára, pulverizando o sonho.

O caso de Salomão repete-se na historia e na biografia: a alegria, como inspiração e forma plena de humanidade, passa depressa. Os labios do poeta quasi não têm tempo para saborear o beijo que deram e receberam, junto á varanda de Julieta. Um amargo travôr envenena os corações que, á beira do infinito, se confessam:

—Para a vida e para a morte!

E assim como o velho Fausto, depois de extrair da ciencia e da filosofia o vão orgulho de poder dizer: —Nada sei! reconheceu que o proprio Diabo é um aprendiz de sofismas, tambem o homem que julgou apertar nos seus braços a plenitude da felicidade deixa pender a fronte, coberta de suor, e declara:

—De que serve imaginar coisas grandes, se um punhado de terra cobre, por igual, a humana grandeza e a humana miseria?



O Govêrno e o Corpo Diplomatico nas exequias que hoje se realizaram em S. Domingos por alma do Presidente Doumer

(Ler na 8.ª pagina a noticia dos funerais)

CAIR em contradições é sempre um sintoma de culpabilidade ou pelo menos de cumplicidade na instrução de um processo crime.

Encontra-se todos os dias no noticiario trivial: "interrogado, o preso negou, mas caiu em contradições„.

Claro que a indicação não se pode perder. O sintoma é sempre uma pista. Mas não será excessivo tomar as contradições por prova ou indicio?

Um individuo, estranho a um facto, interrogado permenorizadamente, cairá em contradições com tanta mais facilidade quanto é certo que ele, não precisando de fixar factos paralelos com o incidente crime, ou tendo a memoria desprevenida, dará o flanco á correcção de detalhes, o que muito se confundirá com a chamada contradição.

E' raro o inocente que, sobre materia de facto, não deixa de se emendar a si proprio, caindo em quantas rasteiras lhe são oferecidas.

De modo que.... a noticia do reu F... ter caido em contradições nos põe muitas vezes em contradições com a suspeita.

E querem experimentar? Interroguem uma criança sobre factos que ela não cometeu, indagando dos pormenores subsidiarios. Dirá "não fiz„ e.... cairá em contradições.

* * *

CASO não possa ser levantado, no cruzamento das avenidas da Republica e Miguel Bombarda, o monumento ao grande republicano que foi Antonio José de Almeida, lembramos, como local mais importante e mais central ainda do que aquele, o largo de D. João da Camara, na placa central que ali se vê, entre o teatro Nacional e a estação do Rossio. A estatua ficaria ali bem, emoldurada pela arquitectura da praça e perto do Rossio, o nosso "forum„ popular, onde Antonio José de Almeida, já doente, pronunciou um admiravel discurso de fé republicana, no momento em que os monarquicos, acampados em Monsanto, metralhavam a cidade.

* * *

RECEBEMOS a seguinte carta:

Sr. director:—Vi no *Diario de Lisboa* uma pregunta sôbre a abertura da Maternidade Alfredo Costa.

Não sendo de menor utilidade, sugeria a V. fazer tambem a pregunta de será aberto o novo serviço de urgencia da Misericordia de Lisboa?

Essa abertura impõe-se, porque é vergonhoso o actual Posto de Socorros, além de já estar muito "bota de elastico„.

E' pena o sr. ministro do Interior não se dar ao incomodo de o ir visitar inesperadamente. Certamente o mandaria fechar como uma bôa medida de higiene, para que o nojo e o medo não impressione quem necessite de ser socorrido, e tambem para o bom nome do Estado.—*Um visitante e assiduo leitor.*

* * *

FOI feita uma nova publicação do decreto que unifermiza e colige num só diploma todas as disposições legais referentes á disciplina academica.

Diario de Lisbôa publica hoje em 2.ª edição o relato completo dos desafios de "foot-ball" que esta tarde se realizam

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

Condessa de Arrochela, D. Virginia May Figueira Pinto Martins, D. Maria Luiza de Lacerda Pinheiro de Aragão, D. Maria Carolina Rebelo de Andrade, D. Maria Augusta de Carvalho Nunes e D. Maria Carlota Alda da Cunha Monteiro da Camar Leme.

A Caridade

Chá de Caridade

A favor da «Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio», realiza-se na tarde de 25 do corrente, nos Terraços do Gremio Literário, á rua Ivens, gentilmente cedidos pela direcção desta elegante agremiação, um novo «chá de caridade», durante o qual haverá partidas de «Mah-jong», «Bridge» e «Bluff», como os que se realizaram durante o inverno no Avenida Palace.

As mesas para os varios jogos, marcam-se pelo telefone 2.3554.

Em viagem

Regressou ontem á sua casa na Figueira da Foz o sr. Bartolomeu Dias. Sua esposa a sr.ª D. Maria Ana de Borja Trindade Dias acompanhada de sua filhinha Maria de Lourdes, fica ainda alguns dias, em casa de suas irmãs.

Doentes

Na Casa de Saude de Benfica, foi operada com muito exito pelo cirurgião sr. dr. Antonio Torres Pereira a sr.ª D. Cristeta da Silva Monteiro Avó, sendo o estado da enferma felizmente muito satisfatorio.

TRATAMENTO
da pele, rugas e manchas

SENHORA encarrega-se do tratamento da pele, manchas e rugas, tendo sempre obtido optimos resultados. Vai a casa das clientes. Carta a este jornal a T. V.

Bombeiros Voluntarios da Ajuda

Tomou posse do cargo de comandante efectivo do Corpo Activo dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, o seu antigo ajudante sr. Antonio Maria da Silva, sendo-lhe dada essa posse pelo comandante cessante sr. Manuel José de Andrade, que fez uma larga exposição dos motivos que o levaram a pedir a demissão do seu cargo.

Fizeram uso da palavra os srs. Alfredo Gomes Duarte, Zacarias Maria Pereira de Lima, Alfredo Pereira da Rocha, Eugenio Alberto de Carvalho Leitão, Carlos de Carvalho e o empossado, sendo por fim servido um «Porto de Honra» durante o qual se trocaram numerosos brindes.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 45—«1808».
Trindade—A's 21 e 30—«Paganini».
Apolo—A's 21 e 30—«A pastilha do amor».
Variedades—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Pim! Pam! Pum!»
Maria Vitoria—A's 21 e ás 23—«A Senhora da Saude».
Capitolio—A's 21—Variedades
Coliseu—21 e 30—Luta e variedades

CINEMAS

São Luis—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 30.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Royal Cine—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 15.
Chiado Terrasse—A's 21 e 30.
Salão Ideal—A's 18.
Cine Palacio—A's 21 e 30
Central—A's 21 e 30.
Belgica Cinema—A's 20 e 30—Rua da Beneficencia—Quartas, sabados e domingos—SONORO.
Promotora—Largo 20 de Abril ao Calvario—A's 21.
Paris-Cinema (Sonoro)—R. Dom Hugos Sequeira
Eden Cinema—R. Alvito—A's segundas, quintas, sabados e domingos.
Palatino—Rua Filinto Elisio, a Santo Amaro
Campolide Cinema—Espectaculos.
Estrela d'Alva—Rua de S Paulo.

TEATRO E CINEMA

"A Pastilha do Amor"

Da peça que ontem foi representada pela primeira vez no Teatro Apolo não ha possibilidade de escrever a crítica, e menos de descrever o seu argumento ou justificar o seu titulo — «A Pastilha do Amor» — aliás elucidativo e ainda mais compreensivo se recordarmos que atinge as proporções que constam do titulo do original francês — «Mon gendre est un satyre». Bastará avisar os leitores — e com este aviso a todos favorecemos e especialmente á empresa — que a nova peça do Apolo, realmente nova, é mais fresca que todas as anteriores, uma peça que convem ir além da primavera e entrar pelo verão, mais fresca que a Serra da Estrela...

A representação é feliz e confiada a Amelia Pereira, Auzenda de Oliveira, Branca Riquetti, Abilio Alves, Antonio Palma e Seixas Pereira. A tradução felicissima e confirmando as faculdades de Lino Ferreira e Alvaro de Andrade. — R.

"O Dia das Romarias"

Realiza-se amanhã, no Avenida, com a reabertura deste teatro e a inauguração da sua temporada de verão, a estreia da companhia José Climaco e da revista «O Dia das Romarias», que inicia os espectaculos populares deste teatro, a preços reduzidos,

BEATRIZ BELMAR

a insinuante actriz que amanhã reaparece no Teatro Avenida, depois da sua viagem ao Brasil

posta em cena com o maior cunho regional e portugués, com cenarios de Mergulhão, Raul de Campos, Baltazar Rodrigues e Reinaldo Martins, encenação de José Climaco e marcações de Boscarino, fazendo o «compére» o actor Alvaro de Almeida e sendo a interpretação realizada pelos artistas: Deolinda Sayal, Elisa Carreira, Zulmira Miranda, Beatriz Belmar, Maria Cristina, Dora Vieira, Judite de Sousa, Henrique Alves, Jorge Gentil, Carlos Alves, Miguel Orrico, Pereira Saraiva, Antonio Rosa e Daniel Martins e os bailados por Lutelia Stichini e Lucy Snow.

"Paganini", no Trindade

E' hoje que a companhia Armando de Vasconcelos faz reposição, no Trindade, de uma das peças mais sensacionais do seu grande repertorio, a opereta, em 3 actos, de Franz Lehar, «Paganini» obra prima do moderno teatro musicado, incluida em todas as companhias internacionais e que ainda, recentemente, obteve um ruidoso exito, no Sá da Bandeira, do Porto, tendo saido de cena em pleno triunfo. O papel de «Paganini», violinista, vai ser interpretado pelo tenor José Rosa e o de «Ana Maria Elisa», pela actriz-cantora Margarida Ferreira, fazendo os demais personagens principais Maria Alvarez, Sofia Santos, Carlos Viana e o actor-comico Augusto Costa (Costinha).

Reinaldo Ferreira

Representa-se actualmente, no teatro Nacional, uma peça portuguesa que continua a tradição do nosso teatro historico e que merece ser vista por todos nós com olhos portugueses. Peça duma grande intensidade dramatica, «1808» teve o merito de nos revelar um dramaturgo, que era já um grande jornalista.

Por todas estas razões se prepara, para a data da 15.ª representação, um almoço em honra de Reinaldo Ferreira, promovido por uma comissão composta pelos srs. dr. Joaquim Manso, João Pereira da Rosa, Avelino de Almeida, Artur Portela, dr. Jorge de Faria, Antonio Ferro, dr. Alfredo Cortês, Albino Forjaz de Sampaio e Ribeiro dos Santos.

Atrás do reposteiro

A companhia Maria das Neves termina hoje, após nove noites de cartaz, as representações da revista «Zaz-Traz-Paz», estreando amanhã, no Carlos Gomes, do Rio de Janeiro, a revista «Viva o Jazz!».

— Fez hoje anos o empresario teatral e nosso amigo sr. José Loureiro.

— Regressou da sua «tournée» a Lisboa, dissolvendo-se, a Companhia Dramatica dirigida pelo actor Joaquim Miranda e da qual fazia parte a actriz Deolinda de Macedo.

— Parte amanhã para o Alentejo a actriz Ester Leão contratada para a epoca de verão no Teatro da Trindade.

— Penha Coutinho e Rubens de Araujo estão escrevendo, com destino a um dos nossos teatros, uma comedia genero livre, intitulada «Uma mulher de... sociedade».

— O quadro de comedia, novo, «Em pratos limpos...», da revista «Pim! Pam! Pum!», no Variedades, é uma autentica fabrica de gargalhadas.

— Anuncia-se para o dia 20 do corrente, a estreia no Sá da Bandeira, do Porto, da peça de Antonio Ferro, «O Estandarte».

— Chegou já ao Rio de Janeiro, estreando-se na proima sexta-feira, a Companhia Portuguesa de Revistas, sob a direcção de Estevão Amarante, com a revista de Felix Bermudes, João Bastos e Alberto Barbosa «Ai-Ló!».

— Não ha nenhum numero de musica de opereta «A Senhora da Saude», no Maria Vitoria, que não seja aplaudido, sendo mesmo alguns bisados.

— Realizam-se hoje no Coliseu as ultimas lutas o campeonato, havendo três autenticos combates de gigantes.

— O espectaculo de hoje no Capitolio é dedicado á sociedade elegante, exibindo-se o filme-opereta «Comediantes» e a bailarina Matilde Ocaña.

T. S. F.

Programas escolhidos
para esta noite

A's 19 e 45: TOULOUSE (8 kw.—385 m.): concerto pela orquestra vienense.

20: LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): musica de camara; LONDRES REGIONAL (50 kw.—355,9 m.): concerto coral e orquestral.

20 e 30: ESTRASBURGO (17 kw.—345,2 m.): audição de obras do compositor alsaciano J. Erb

20 e 45: POSTO PARISIENSE (60 kw.—328,2 m.): concerto de orquestra e canto; ROMA (75 kw. 441,2 m.): concerto sinfonico.

21: ARGEL (16 kw.—363,6 m.): concerto de guitarras e bandolins.

21 e 10: STUTTGART (75 kw.—360,6 m.): concerto sinfonico.

21 e 15: TOULOUSE (8 kw.—385 m.): musica de dansa.

21 e 35: LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): music-hall internacional.

22 e 30: PARIS P T T (1 kw.—447 m.): concerto pela orquestra das virtuoses russos.

22 e 45: LONDRES NACIONAL (50 kw.—261,3 m.): musica de dansa.

Emissões nacionais
para esta noite

Das 19 ás 20: C T 1 B M (283,6 m.), discos.

Das 20 ás 22: C T 1 E B (Radio Condes) (283 m.), discos e conferencia do sr. Luiz Portugal, sobre «A missão do Estado na sociedade moderna».

Das 22 e 30 á 0: C T 1 G L (Radio Club Português) (457 m.), musica sinfonica e de dansa; esta estação da 0 horas á 1 transmite noticiario e musica de discos.

Das 22 á 0 e 30: C T 1 B O, da «Hertziana» (320 m.), discos.

EMERSON-RADIO

Modelo T 51 (4 valvulas, ligação á corrente alterna 110-220 volts, dinamico, e ao

SENSACIONAL PREÇO ESC.: 1.400$00

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
R. DA CONCEIÇÃO, 35, 1.º D. TEL. 24253

Tauromaquia

Salvaterra tem no domingo João Nuncio e touros puros

E' em beneficio da Misericordia de Salvaterra de Magos a corrida que no domingo proximo ali se realiza, motivo por que os touros todos puros, foram cedidos generosamente, devendo-se esse grande auxilio aos lavradores srs. dr. Antonio Garcia da Silva e José Vicente artista João Branco Nuncio e os bandarilheiros artista oão Branco Nuncio e os bandarilheiros são Custodio Domingos, Carlos Santos, Manuel Raimundo, Francisco Gonalves, Pia Flores e «Alfarero», que é o peão de João Branco Nuncio. A este bom lote de lidadores ha a acrescentar o belo grupo de forcados que tem como cabo o campeão das pegas, Edmundo de Oliveira. Ha enorme interesse em vêr a competencia na muleta entre Custodio e Chico Gonçalves.

A corrida é abrilhantada pela banda de Benavente e coincide com a grande feira anual e exposição pecuaria. A' chegada dos comboios da manhã haverá carreiras de camioneta na estação de Muge e em frente de Vila Franca, no cais do Cabo.

Telefone 26648

— E's tu, Alice? Ontem tinhas um lindo chapeo, venho pedir-te, se não te contrariar, que me digas onde o compraste.

— Oh! filha, foi no Mimoso, na Rua do Ouro, 146, 1.º andar.

JAYME PINTO
Chapeos, Novidades
modelos Parisienses
R. Aurea, 259 Telef. 2 6025

Manteiga baixou de preço
Mais barata que Margarina
Kilo 12$00
Fabricamos e vendemos directamente ao público

P. Luiz de Camões, 28|29	Telefone 2 4347
R. da Prata, 262|264	» 2 6041
R. da Betesga, 124 (Torreão da Praça da Figueira)	» 2 1744
R. do Amparo, 45|49	» 2 4348

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

COMO DESCOBRIR OURO?
Experimente comprar Lotaria a
VICTOR GONÇALVES LDA.
RUA DO OURO, 152

Hospital de Jesus
A mais economica e confortavel Casa de Saude. Quartos particulares — Amplas enfermarias com Aquecimento central.
Hospitalisações desde Esc 20$00
Travessa da Arrochela 2. Telef. P. B. X. 2 3401

Dr. Drummond Borges
RUA GARRETT, 74 1.º
Retoma a clinica a 20 do corrente

TRINDADE
HOJE: ESPECTACULO SENSACIONAL
ESTREIA da opereta em 3 actos
PAGANINI
Grandioso exito da Comp.ª
ARMANDO DE VASCONCELOS
«PAGANINI»: JOSÉ ROSA (tenor)
«MARIA ANA»: MARGARIDA FERREIRA
Direcção musical de WENCESLAU PINTO

Ninguem deve deixar de vêr a peça
1808
no
TEATRO NACIONAL

Teatro **AVENIDA**
Reabertura: Amanhã
Duas sessões: — 8,45 e 10,45 horas
Estreia da Companhia José Climaco
Temporada popular—1.ª representação da opereta, de **Gregos e Romanos**, musica de Vasco Macedo, Raul Portela e Cruz e Sousa.
O Dia das Romarias
Preços populares — Bilhetes á venda

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA de Quinta-Feira

por Norberto de Araujo

A semana

Com responsabilidades especiais que me advêm do facto de na minha tarefa literaria me ocupar, por vezes, do povo e dos humildes, congraçando os meus olhos com as belas coisas que vivem e sobrevivem á margem dos motivos aristocraticos, que seduzem certos escritores, mas onde nem sempre as almas se amassam de humanidade—quero afirmar, porque sinto o dever de o afirmar, que Povo não é miseria, que humildade não é baixesa, que uma coisa, ideia, facto ou fantasia «popular» não significa nem corresponde ao «reles», e que, finalmente, acho deshumano, injusto e indigno qualquer especulação de arte ou de letras que querendo tomar o Povo como modelo, ao proprio Povo avilte, tomando os vicios por virtudes e as desgraças por norma.

Nesta tirada, onde não oculto que ha indignação, mas onde não ha recriminação nem censura, eu quero fixar o meu ponto de vista, que oxalá cada um dos meus oito leitores fieis comunique a sessenta e quatro amigos, e estes a milhares de portugueses.

Para descobrir no Povo, ou no que se convencionou chamar «Povo», dadas as condições de existencia social ou de localização, topografica, motivos de sedução e argumentos literarios, não é preciso remexer na lama, ainda que seja no intuito estoico de a purificar.

O Povo é um manancial de beleza e até de formosissimas graças impereciveis. Se a todo o quadro são indispensaveis sombras, que os quadros não sejam tão carregados de noite, que da sua contemplação resulte a ideia de que a varzea popular está ás escuras.

Não sei se nesta «maneira de dizer», discreta pelo respeito que devemos uns aos outros, me faço entender.

Reconhecendo, aliás, as boas intenções de todos, quero, porque me é preciso, e até porque é de meu dever, gritar bem alto neste canto de jornalismo que a massa popular portuguesa está cheia de alegrias redentoras e de milagres de virtude, e que é mentira, mas mentira deformante e incomoda, que para se tirar efeito dos quadros populares seja indispensavel descer, por sistema, ao pantano.

Pode passar-se por lá, incidentalmente, porque o pantano existe. Mas ha que descobrir as rosas, primeiro, para perfumar o caminho.

Nem mesmo para se chegar á virtude é licito procurar, na objectiva literaria, a estrada do vicio, para contraste artificioso, esse mesmo vicio mentiroso e fetido, pelo abuso das realidades onde nem sequer a poesia da desgraça se contém.

Povo é epopeia e é drama; pode ser comedia e dar entremez. Mas o que é, sobretudo, é beleza, encantamento, milagre e inspiração, onde a candura é como, na bôca das crianças sujas, eterno e miraculado beijo.

Ha tanta coisa linda dentro do Povo! Que se me queimassem as pestanas, a escrever dele, e a lindeza não se esgotaria. Nem se esgotaria o bem, nem o exemplo, nem a propria inocencia aureoral, que é o estado infantil em que vivem os cunhais das vielas, onde as rosinhas são todas rosinhas de toucar.

E' tempo de batermos o pé. Eu pela minha parte protesto, em nome da religião da humildade, exaltação de todos os amores grandes que na humanidade são possiveis.

★ ★ ★

Não sei como é que o publico de Lisboa recebeu e correspondeu a um filme intitulado «Luzes da Cidade». E muito menos sei como é que os «cinefilos» classificaram esse trabalho de Chaplin, sob o ponto de vista tecnico.

Sei que «Luzes da Cidade» é das mais belas coisas que se têm «construido» em cinematografia, talvez exactamente porque é mais teatro do que «fita».

De uma pungente beleza, que transpira humanidade desde o seu drama á facecia; de uma delicadeza tão grande de observação, quasi requinte de espirito, que roça pela poesia dos versiculos de Heine; de uma poderosa versão dos contrastes vividos, a tal ponto que a comicidade ainda aparece dramatica, e a propria caricatura deixa antever a face austera da verdade imaculada; tocado de lirismo profetico até onde um criador, servo do publico de mil cabeças, pode chegar sem cair no ridiculo de parecer «a sério»—este trabalho «Luzes da Cidade» redime o cinema moderno de todas as mentiras, especulações, miserias de grandeza, *blufs*, *chantages* financeiras de Hollywood, farsas triviais da mecanica aplicada á luz, com sonoro rouco ou sem sonoro, esse cortejo de «arte» de cartão, onde raras vezes aparece uma verdadeira nota de arte, diante da qual, áparte a musica, porque é verdadeira, a gente dignamente possa tirar o chapeu, sem ser por imposição do arrumador munido de lanterna da «Electrigia».

Charlot—nome consagrado pelas multidões, e que faz rir meio mundo—era um artista, mas revelou-se um poeta.

No cinema nunca houve poesia (ou se houve, eu não dei (por isso). Esse Chaplin mostrou-se uma alma, a conceber e a realzar, a conceber, sobretudo, alguma coisa onde, se não ha genio, já ha a sua transpiração.

«Luzes da Cidade»—com que tristeza o suspeito!—talvez não seja capaz de interessar três ou quatro meninas e meninos cinefilos, que moram ali no predio da esquina, e esta epoca, sobretudo, estão muito bem.

Exactamente por isso, tinha necessidade de ser Belo.

E' muito possivel, é, que todo o mundo tenha entendido este Charlot, menos Lisboa. A mim não me espanta; entristece-me.

Mas este Charlot é que é cinema na sua missão civilizadora, e o Cine S. Luiz fez muito bem em pagar a peso de oiro este filme, em o mostrar ao publico, em o desvendar, no seu formidavel poder emocional de belezas pequeninas, ás pessoas que têm a cabeça, a inteligencia, e a sensibilidade no seu lugar, sejam ou não amigos do cinema.

Ao meu caro Ricardo Jorge eu afianço que se ele, com a sua alta influencia, no estrangeiro, reflexo da sua irradiante simpatia, conseguir que as estrelas e estrelos desse ceu de Hollywood americano ou europeu só componham e façam cinema assim, e nos revelem todas as semanas o «duplicado» das personalidades até agora futeis, ainda que celeberrimas, dos lençois brancos a que chamam «écran»—eu me converto ao cinema.

Ponham alma, ponham talento, ponham «arte intima», fogo de arte pura no cinema mudo (e até perdôo que seja guinchado)—e então... Viva o cinema.

Um bocadinho de teatro, um bocadinho para amostra (e teatro implica verdade, e não é preciso mais.

Preciso de dizer, ainda, para ser leal comigo proprio, que «Luzes da Cidade» não é o primeiro ou o unico trabalho de cinematografia que, desta classe, e com certa garra de humanidade, se tem produzido e no S. Luiz se exibiu. Tem-no feito alemães, tem-no feito russos.

Mas agora falamos das «Luzes da Cidade» porque foi aquele filme primeiro que aliou Gavarni a François Coppée, e «revelou» um novo estado de alma cinematografica.

Porque é tão delicado tudo aquilo, tão natural, tão bem fundido o nosso sorrizo na nossa emoção; tão discreto o drama, e tão claro o fiosinho da agua corrente que leva os nossos olhos presos na anecdota; tão francamente posta a pobreza relativa da «mise-en-scéne», de uma sinceridade simpatica—que não ha senão que voltar ao S. Luiz outra vez.

Aqui consigno, na eloquencia incidental da minha pena, a minha admiração pelo sr. Carlos Chaplin, «Charlot» de registo pitoresco, e, se esta Pagina chegar ás vistas dos proprietarios do S. Luiz, atrevo-me a pedir-lhes que quando escreverem ao dito sr. Chaplin, que presentemente está no Japão, lhe enviem as minhas felicitações...

★ ★ ★

Aquele caso do sr. Salaverria, jornalista espanhol que escreveu quaisquer palavras afrontosas para o nosso país—não me indignou até á exaltação.

Longe de mim o proposito de tomar uma posição, adrede imaginada para desafinar no côro de improperios contra o velho colaborador do «A B C», e assim chamar atenções sobre as minhas modestas palavras, maneira habilidosa de ficarmos á superficie. Escrevo isto assim, porque sinto assim.

Devo declarar que a atitude do sr. Salaverria e a do nosso ilustre embaixador — querido amigo, de nobilissimo coração, viva inteligencia e sentido diplomatico nunca desmentido, mesmo através do temperamento que Deus a cada um de nós destinou —são para este meu ligeiro comentario inteiramente independentes.

Parece paradoxal: como português não me indignou o escrito do sr. Salaverria, mas acho bem, digno e até cavalheiresco, o que fez o sr. Melo Barreto.

E isto pela razão simples de que o nosso embaixador «viú» e «sentiu» a afronta em Portugal com o seu estado de alma, e foi a esse estado de alma que, lealmente, obedeceu.

O escrito do colaborador do «A B C» é uma reprodução do que milhentas vezes se tem escrito em Espanha, em França, e noutros países contra nós, como aqui em Portugal ha alguns Salaverrias que têm escrito verdadeiras aleivosias, até muito mais graves, embora menos cruas de aspecto, contra a Espanha e contra outros países.

Houve sempre deslises, propositados ou não, incontinencias, diatribes, horas más.

A insolencia, tipo Salaverria, faz a Portugal muito menos mal, e até nos belisca muito menos, que certas atitudes mudas ou directas, que durante anos fizeram curso na Espanha politica e militar, acêrca de Portugal.

Os belgas—o sr. Vandervelde—criaram um dia um vocabulo que, para a nossa honra e dignidade, era muito mais afrontoso.

O que me parece é que o trecho do artigo do sr. Salaverria devia levar o escriba a julgamento, provocador de uma sanção definitiva, por parte da direcção do prestigioso jornal espanhol, onde Portugal—e não repito isto por o ter escrito o meu querido camarada Felix Correia — tem sido exaltado e acarinhado muitas vezes.

O sr. Salaverria é um simbolo destas pessoas, sujeitas a ataques de insensatez—pessoas que ha por toda a parte—e que tão cheias do amor do seu proprio país estão, que não medem a gravidade dos seus conceitos quando se referem a outros povos.

O sr. Salaverria desconhece Portugal e os portugueses; só saberá da exiguidade relativa da nossa extensão territorial na peninsula. Se cá viesse talvez se apaixonasse por nós...

E' certo: o seu acto não tem que ser julgado senão pelo seu exterior, pela afronta viva que palpitava na sua «parvoiçada». E o nosso representante em Espanha altivamente o chamou á responsabilidade, provocando a retratação, e para tanto adoptou uma atitude que todos nós compreendemos e respeitamos.

Quanto ao sr. Salaverria...

Com franqueza, com franqueza, entendo que aquele senhor é merecedor de lastima, e admitindo mesmo que ele não gosta de Portugal e acha os nossos ovos de exportação muito maus—que tem a gente com isso?

NORBERTO DE ARAUJO

"SAPATARIA VERSAILLES"
Abertura de Estação
Os modelos expostos hoje nesta casa, constituem um encanto imprevisto
Automatico 2 5629
Rua de St.ª Justa, 96

ROYAL-CINE
Soirée ás 21 e 30
Monte Carlo
E
Fumo de Pistola

A Cidade

CONDES
O mais completo artista do nosso tempo no maior exito mundial
CHARLOT
LUZES DA CIDADE

Chá das cinco

Pensamentos de Primavera

Onde está a primavera?....
No céu azul, no sol, nas rosas, ou no coração de quem a sente?....

Quem sente mais a primavera?.... O poeta, o apaixonado, ou simplesmente quem tem vinte anos?....

A primavera na aldeia, em pleno campo, longe das maquinas e da civilização não será mais primavera?

Ha vidas que não têm primavera, e primaveras que não têm vida.

O outono é a primavera dos que envelhecem: mais serena, mais palida, mais profunda que a verdadeira primavera.

A primavera é a época do ano em que mais se vive e mais se morre....

Qual é a primavera que te tem dado mais alegrias: a do ano, a da tua vida, ou a dos teus filhos?....

O primeiro amôr da tua mocidade recorda-lo sempre como quem recorda a primavera de dias azues e noites estreladas...

A primavera é para uns um ramo de flores num altar; para outros um ramo de flores junto dum retrato e para outros ainda um ramo de flores sobre um tumulo.

Se ainda sabes sorrir ainda ha para ti primavera....

MARIA DE CARVALHO

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Concerto Dora Soares-Varela Cid

Realiza-se hoje, pelas 21 e 30, no Salão do Conservatório o concerto Dora Soa-

DORA SOARES

res-Varela Cid, que promete ser um dos maiores acontecimentos musicais da temporada.

Ha a mais justa ansiedade por ouvir o celebre concerto de Ravel, além de outras obras importantes de que se compõe o programa.

MARIA VITORIA
DINA TEREZA — SALES RIBEIRO
FERNANDA COIMBRA — ALBERTO REIS
ALBERTO GHILA
TEREZA GOMES
MARIA PINTO
ARTUR RODRIGUES
são os principais interpretes da sensacional e consagrada opereta em cena neste teatro
A Senhora da Saude
com a lindissima partitura musical do maestro FREDERICO DE FREITAS

A PROPOSITO DE S. CARLOS

A CRISE DO TEATRO LIRICO

e as soluções adoptadas na Italia

Em Italia, o teatro lirico está sofrendo uma crise angustiosa, apesar de em mais de cem cidades italianas se realizarem, pelo menos em duas épocas de cada ano, tais espectaculos. Desnecessario é talvez dizer que esta tormentosa crise preocupa sériamente o *governo nacional fascista,* pois lançou na miseria milhares de individuos de ambos os sexos, que vivem exclusivamente dos espectaculos da ópera.

A gravidade da situação levou toda essa multidão de artistas sem trabalho a agitar-se nas respectivas associações, ou melhor, nos sindicatos fascistas de classe, não faltando numerosas propostas e soluções variadissimas para a atenuar. No entanto, a breve trecho, verificou-se, com grande tristeza e desalento mal dissimulado, que essas propostas e soluções não davam resultado prático! Os milhares de individuos (não exagero), que vivem do teatro lirico — cantores, musicos, coristas, figurantes, dansarinas, gente do palco, cenografos, costumiers, adressistas, etc., etc.—não encontravam maneira de obter escritura ou trabalho, mesmo aceitando condições modestissimas!

Esta angustiosa crise conduziu os interessados, finalmente, até Mussolini, ao qual formularam os seus dessiderata, numa bem elaborada representação, que o Duce, imperturbavel, ouviu lêr não ocultando aquela simpatia, que sempre lhe mereceram os assuntos de indole artistica.

A representação concluida por salientar a concorrencia que ao teatro lirico estavam fazendo os animatografos e pedia—ou o seu encerramento a determinadas horas, ou que os atingisse uma tributação mais forte!

Soluções do Duce

Mussolini, depois de dirigir algumas preguntas aos interessados, retorquiu-lhes sacudidamente:— «dentro de poucos dias estarão empregadas algumas centenas de artistas, de preferencia os que não são primeiras partes».

Esta declaração do Duce causou enorme surpreza e entusiasmo nos circunstantes; e, para que estas palavras alcançassem imediata confirmação, o que em geral acontece, Mussolini acrescentou, com aquela frieza e energia que o caracterizam:— «As empresas dos animatografos vão ser obrigadas, sempre que estes possuam palco (o que é frequentissimo) a contratar pelos menos dois numeros de variedades. Asim, eu penso que a crise sofrerá um remedio rapido e eficaz quanto aos artistas secundarios».

Não se enganou!

Nos animatografos das grandes cidades italianas passaram a exibir-se todas as noites, durante o intervalo das projecções, pequenos numeros de canto e dansa, de exercicios acrobaticos e de intermedios comicos. Muitos artistas liricos, que andavam sem escritura, a passear pela tradicional Galeria Vittorio Emanuele III, em Milão, não desdenharam surgir na ribalta dos animatografos com um repertorio de canções napolitanas e de escolhidas romanzas.

O publico dos animatografos aceitou com prazer esta inovação e, actualmente, os emprezarios consideram a originalidade do Duce como um valioso atrátivo. E—nota digna de registo—os bilhetes dos cinemas não foram aumentados!

A opera em Roma

Mussolini, porém, entrando no fundo da questão, não se esqueceu de dizer, com desassombro, que a decadencia incontestavel do teatro lirico italiano, de tão gloriosas tradições precisava de remedio radical e que esse remedio devia ser manipulado pelos proprios artistas liricos, estudando sempre e aperfeiçoando-se, para restabelecerem o prestigio da chamada escola do *bel canto italiano!* E continuou; perante a crise, o governo nacional fascista tem de intervir, e, para inicio da árdua tarefa que lhe compete, anunciou que Roma não tardaria a possuir um faustoso teatro, lirico, digno rival do Scala de Milão!

De facto, poucos meses volvidos, foi inaugurada em Roma, solenemente, a reconstrução do velho *Teatro Costanzi* a que o governo e o Governatôrado da cidade se abalançaram, gastando alguns milhões de liras com aplauso veemente da imprensa e do publico.

Mussolini e Gigli

Mussolini fez mais:—Conseguiu que os mais cotados artistas liricos italianos repudiassem, ultimamente, óptimas *escrituras,* pagas com milhares de *dolares,* para virem brilhar no *Costanzi,* o qual, completamente modernizado e enriquecido, foi denominado *Real Teatro da Opera.*

Gigli,—ocorre-me contar—considerado hoje o rival italiano de Caruso, abandonou Nova York para regressar á Cidade Eterna e deliciar, com a sua voz admiravel de timbre e sonoridade, o exigente publico romano. Como Gigli, o baixo De Angelis, o baritono Galeffi e tantos outros artistas da mais elevada categoria, correspondendo ao apelo do *Duce,* vieram tomar parte nos famosos espectaculos do *Real Teatro da Opera.*

Estes espectaculos, excessivamente caros, não podiam manifestamente, ser gozados pelo grande publico, mas o *Duce,* sempre original nas suas ideias e audacioso politico, não se esqueceu de recomendar que se realizassem *espectaculos populares e popularissimos,* pensando, decerto, em que tais espectaculos são eminentemente educativos e não devem constituir monopólio das classes abastadas.

Não nos parece inutil notar ainda que nos *espectaculos populares e popularissimos* tomavam parte os mesmos artistas dos espectaculos ordinarios ou de assinatura...

Quando Gigli, o famoso tenor, visitou Mussolini no Palacio Chigi (ministerio dos negocios estrangeiros), o *Duce* disse-lhe que muito desejava que o ouvisse o povo anónimo, o povo das ruas, que pouco mais possui, para seu uso espiritual, do que o belo sol de Italia e o pitoresco de seu territorio.

Gigli ficou interdito!

O *Duce,* porém, explicou-lhe: desejava que ele cantase uma noite em plena *Piazza Colonna,* do grande terraço da Associação da Imprensa, onde se instalaria uma pequena orquestra...

«Al chiaro di luna»

Estava-se em Maio e corria branda e serena a noite... *A' chiaro di luna,* Gigli, com a sua garganta de oiro, perante 15 mil pessoas, num silencio religioso e tendo a seu lado o *Duce* e mais elementos graduados do *fascismo,* interpretou com indescritivel entusiasmo diversas romanzas do seu vastissimo e selecto repertorio, terminando com uma linda canção popular napolitana.

Um delirio de aplausos coroou tão original espectaculo lirico. E provou-se talvez (houve quem o escrevesse), que os criticos da opera não se encontram em Italia entre os frequentadores *snobs* das plateias, mas entre as classes, que aguardam com ansiedade as *recitas populares* e *popularissimas.*

EMYGDIO GARCIA

CAPITOLIO
Ás 21 a 4,30 horas por 3$00, com entrada livre ao PARQUE MAYER
— espectaculo genero Music-hall —
Soirée da moda com o filme sonoro
Comediantes
lindissima opereta com Artur Lake, Betty Compson, José Crew, etc., 300 bailarinas em cena
Ultimos espectaculos da bailarina Ma ILO OCAÑ

Casos do dia

Contrastes

Ha coisa de seis meses, em Olhalvo, no termo de Alenquer, foi demolida uma escola para, no seu lugar, se construir uma outra mais de harmonia com as exigencias da pedagogia e da higiene.

A madeira do edificio demolido ficou empilhada a um canto para ser aproveitada na devida altura, até que ante-ontem, ou porque entendessem que ela não tinha dono ou por qualquer outro motivo que não se descortina bem, um numeroso grupo de pessoas pobres lá da terra, principalmente mulheres, foi-se á pilha da madeira e pilhou-a toda.

Dentro de minutos não restava uma tabua, sequer, da velha escola de Olhalvo.

A autoridade administrativa, mal soube do caso, fez o que lhe cumpria. Foi á freguezia com algumas praças da G. N. R., e, depois de uma rigorosa busca domiciliaria, multou todos os que se tinham apossado da madeira, forçando os, além disso, a ir pô-la no sitio donde a haviam tirado sem licença do dono.

Optimo! Fez se justiça e deu-se uma lição das que aproveitam a presentes e vindouros.

Mas antes do roubo das tabuas velhas foi arrombada, tambem em Olhalvo, a porta duma capela antiga, retirando-se de lá muitas coisas de valor, como: paineis, obras de talha, orlas de pau santo, etc., e ninguem deu passo para castigar, como agora, os ladrões.

Com os objectos roubados até se fizeram peças de mobiliario que ainda hoje constituem o recheio de casas ricas conhecidas.

Vai isto em meia duzia de anos, tempo de sobejo para que a noticia do saque chegasse, indo mesmo por seu pé, ao conhecimento das autoridades lá do termo de Alenquer.

E ninguem se moveu para castigar os larapios, e não houve um administrador que se lembrasse, como o de agora, de que a justiça não tem amigos nem pode estabelecer distinções entre os que roubam por grosso e os que roubam a retalho, não lhe ficando bem que se preocupe, para cumprir a sua missão, com a indumentaria dos que adregam de cair sob a alçada do Gladio vingador.

A. MAFRA

A Feira do Livro

A' semelhança duma 2.ª edição da realizada no ano passado, a Feira do Livro surgira, em 26 do corrente, em pleno Rossio, correcta e aumentada, parecendo outra, graças aos esforços da sua comissão organizadora.

Ante a crise angustiosa que afecta o mercado do livro em Portugal, crise que é, de resto, o reflexo da que se nota no mundo inteiro, a iniciativa da Associação dos Livreiros é logica, oportuna e bem imaginada. E' necessario difundir no nosso pais o gosto pelas letras e desenvolver, tanto quanto possivel, a ansia de saber ler. O proximo certame sera, portanto, a segunda cruzada que os livreiros de Portugal empreendem em prol duma boa causa.

Marquês de Pombal

A Comissão Central da Sociedade Promotora de Educação Popular promove amanhã, pelas 16 horas, uma sessão cinematografica educativa, fazendo o sr. Veiga e Sousa uma palestra.

A's 21 horas, na séde da sociedade, fara o sr. professor João de Brito uma conferencia sôbre A acção nacional do Marquês de Pombal.

A sorte grande depois de amanhã está á venda na feliz
TABACARIA LAPAS
Largo D. João da Camara, 19

VARIEDADES
TODAS AS NOITES
A COLOSSAL REVISTA
PIM!
PAM!
PUM!
com LUIZA SATANELA e BEATRIZ COSTA

4$00
MENSAIS
Desde este preço ha lindos candieiros para electricidade, a prestações. Instalações electricas Electro Conservadora. Rua do Crucifixo, 19, 2.º Telef. 27914

A Cidade

Prefiram os
VINHOS DO PORTO
da Companhia Velha
Fundada em 1756
P. Restauradores, 14

VIDA ARTISTICA

Uma senhora
que expõe
oleos e desenhos

Uma exposição de pintura, seja qual fôr o seu valor, tem sempre interesse. Por vezes quando não se descobre um artista, isto é, um tecnico, na acepção plastica, formal do termo, descobre-se uma alma, de sensivel beleza, dôcemente comunicativa, tentando libertar-se da sua amargura ou do quotidiano exasperante da vida, para um mundo melhor de alegria criadora, de sonho refugiante, e de espiritual delicia. Claro que a arte não é um sacrificio. Tem sempre um aspecto material necessario, que o publico deve compreender com delicadeza, não repudiandc o que se lhe oferece, e que muitas vezes é a soma dum grande esforço ou duma imoderada esperança. A sr.ª D. Aurora Figueiredo que expõe agora, no Salão Progresso, da rua do Ouro, não é um nome desconhecido. Supômos que já fez uma exposição, com exito, no genero desta: desenhos de figura, algumas naturezas mortas, e ar livre.

Quanto a nós onde a sr.ª D. Aurora de Figueiredo se revela melhor, com um brilho e uma espontaneidade singulares, é nos desenhos. E' possivel que ela ligue mais importancia aos quadros a oleo, visto que os apresenta com mais relêvo e em maior numero. No entanto, basta um rapido confronto, para se vêr que o valor daqueles é manifesto. Tem apontamentos fisionomicos, de extraordinario caracter, que devem ser flagrantes, tanto a sua naturalidade se evidencia. Destacamos uma cabecinha de rapariga, que é um encanto, e uma «Expressão suave», como se lê no catalogo, titulc que justifica a obra.

Na pintura, a sr.ª D. Aurora Figueiredo apresenta uma grande variedade de assuntos. Trabalha com poucas côres, gostando mais dos tons secos e amarelados. O «Retrato» que apresenta tem o interesse do modelo, mas já no «velho modelo» ha mais largueza e construção.

«Pinheiros» é uma mancha curiosa, em que a natureza, não foi diminuida nem embelezada, mas sim, reproduzida, com harmoniosa fidelidade. Todos os outros trabalhos revelam um consciencioso e aturado estudo.

Simão Dordio Gomes, o ilustre pintor alentejano que foi pensionista do Estado em Paris e ha alguns anos está trabalhando nas decorações da Camara Municipal de Arraiolos, sua terra natal, inaugura no proximo sabado, na Sociedade Nacional de Belas Artes, uma exposição de setenta dos seus trabalhos, alguns dos quais têm as dimensões de quatro metros.

—No Salão Bobone foi hoje inaugurada a 2.ª exposição de barros de Delfim Maya, que apresenta tambem bronzes, aguarelas e oleos, na sua generalidade apontamentos de cavalos e tourcs, cuja anatomia o antigo desportista conhece perfeitamente.

Desastre com arma de fogo

VILA REAL, 12—Foi hoje vitima de desastre com arma de fogo o quintanista do liceu desta cidade Norberto Pimentel Alves, de 16 anos, filho do sr. Norberto Augusto Alves e neto do tesoureiro da Fazenda Publica deste conselho sr. José Maria Alves.

O malogrado estudante, que foi atingido na cabeça, morreu pouco depois. Este desastre causou viva impressão em toda a cidade.

Para os nossos pobres

De A. H. recebemos 60$00 para os nossos pobres. Agradecemos em nome dos contemplados.

PETROLEO HAHN
contra a queda do cabelo

FALA UM AGRICULTOR

Não haverá mais fome
em Cabo Verde
embora a natureza seja inclemente com o formoso arquipelago atlantico

Cabo Verde, esse excelente rincão insular português, que tão castigado tem sido pela natureza nalguns anos fatidicos, e cuja população pacifica e trabalhadora nem sempre tem visto correspondidas as suas aspirações de progresso ou de aproveitamento de algumas riquezas naturais — esteve ameaçada de uma nova época de desgraça, quando não de fome, como a que sofreu ha cêrca de vez anos.

A bordo do *Almanzora* chegou ha três dias a Lisboa uma das figuras de mais destaque daquele nosso arquipelago, pessoa que durante uma dezena de anos exerceu numa das cidades funções municipais, que possui uma autoridade especial para falar sobre a actual situação de Cabo Verde: o agricultor, comerciante e proprietario sr. José Antunes de Oliveira, que ha anos ali trabalha, embora seja oriundo da nossa Beira Alta.

E' uma figura interessante, respeitavel nos seus 73 anos, cheios de vivacidade, e foi essa vivacidade, surpreendida uma conversa a bordo do *Almanzora* que nos levou a solicitar-lhe uma palestra jornalistica.

—E' certo que Cabo Verde está outra vez em situação que leve a Metropole a preocupar-se. Fala-se de fome...

—Não é assim, em absoluto. A provincia ressente-se dos males por que passa o mundo inteiro. Mas neste momento ha até algumas boas cousas a assinalar. Como vê, apesar de velho eu não sou pessimista. Mas tambem não vou pintar-lhe um quadro favorecido, e que fique afinal falseado de verdade.

E depois diz:

—E' certo. Na ultima época a situação vestiu-se de gravidade, pela falta de chuvas. Como sabe ali não ha industrias. A população vive da agricultura e do comercio. Não chove, logo não ha sementeiras, nem plantações que vinguem. A fome instala-se então no lar indigena. O milho e o feijão, base da alimentação, não se colhem. E desaparecem os recursos para fazer face á vida. Logo o comercio definha, e a crise torna-se calamidade. Foi o que sucedeu ahi por volta de 1921.

—Mas agora?

—Essa crise, com aspecto pavoroso, não se repetirá. E' verdade que os campos apresentam um aspecto desolador. As colheitas de milho, café e purgueira—a grande esperança do arquipelago—são quasi nulas. E havia já alarme.

—Soluções para o caso?

—O actual governador, capitão sr. Amadeu Gomes de Figueiredo entendeu, e bem a meu ver, que devia abrir trabalhos publicos, onde pudessem empregar-se braços que a séca tornara inactivos.

—Obras de fomento, como solução.

—Indirecta, mas proveitosa. Os trabalhos são a abertura de estradas de que as ilhas tanto necessitavam, mormente S. Tiago, e maior e mais populosa. Fizeram-se e fazem-se reparações noutras estradas, e está quasi concluida a estrada que percorre o litoral da ilha numa extensão de 100 quilometros, e que vai da cidade da Praia ao Tarrafal, passando por todos os pontos da Costa. Toda a gente julgava esta obra uma utopia; é hoje um facto.

—Mas... estas obras publicas são suficientes para debelar a crise e trazer optimismo serio?

—Claro. Não dão abastança. Mas a população pobre já não terá de pedir esmola, quando as culturas morrem. Os salarios que ganham os trabalhadores nestas obras são os habituais, embora não estejam de harmonia com a carestia da vida.

E lembrando:

—Se se elevassem os salarios, no criterio do governador, o dinheiro não chegava para empregar tantos braços. Para compensar a insuficiencia, o governo da provincia comprou milho e arroz em abundancia, atirou-os para o mercado, mas tabelou-os.

—Em resumo: fome não haverá.

—Não senhor. Essa vergonha deve ter acabado para sempre. De uma maneira geral, em Cabo Verde ha desenvolvimento de trabalhos publicos e com enorme vantagem local.

E vai notando:

—Além de obras de menos importancia, e da abertura de estradas está-se a realizar-se a canalização das aguas da povoação de Méza para o porto dos Carvoeiros, em Santo Antão, para abastecer o porto de S. Vicente; a canalização para abastecer a nova e florescente povoação de Assomada, em S. Tiago; a importantissima obra da construção de canalizações de esgoto na cidade da Praia, pois o existente era um horror. E continua a construir-se a ponte cais em S. Vicente. Deve citar-se o esforço do director de obras publicas, engenheiro Luiz Soares Martins, e tambem o chefe da secção de Barlavento engenheiro João Fonseca, que assiste á obra util da ponte cais.

—Mas quanto á agricultura, que é a base do trabalho no arquipelago?

—A Natureza por vezes é cruel, e daí as soluções indirectas, mas que constituem apreciavel fomento. Contudo outro ramo de serviço publico se está a desenvolver: o da arborização. E outro, a que todos ligamos a maior importancia: o desenvolvimento da plantação de purgueira, riqueza a explorar melhor, e trabalho agricola a que, devo dizer, me tenho dedicado de alma e coração. Cabo Verde, desde que chova regularmente, não dá preocupações a ninguem. O cabo-verdeano é bom, trabalhador e não é ambicioso. Não chovendo... a terra não produz, a crise assusta. Mas estas obras de fomento—e desde que o governo da Provincia, como o actual queira dirigir e tomar iniciativas—evitam as crises desgraçadas. E por isso eu sou optimista, embora reconheça que Cabo Verde precisa de muito auxilio.

Amanhã, dia feriado:
LUZES DA CIDADE
com CHARLOT, de tarde e á noite no SAO LUIZ
Terça-feira: Reaparição sensacional do filme
DOIS NUM AUTOMOVEL

A SESSAO DA CAMARA

O MATADOURO
não será instalado
na quinta da Mitra

Realizou-se esta tarde a sessão ordinaria da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, tendo já a imprensa os seus lugares para trabalhar, facto que é digno de registo — pelo contraste com o que até agora acontecia.

O presidente, sr. coronel Costa Macedo, antes de abrir a sessão, informou os seus colegas de que o Chefe do Estado visitará a Camara, amanhã — dia da Festa da Cidade — ás 16 e 30, sendo recebido por toda a vereação.

O chefe da secretaria da Camara, sr. dr. Joaquim Kopke, leu a acta da sessão anterior — que foi aprovada. Em seguia, leu o balancete relativo á semana finda.

O sr. coronel Costa Macedo declarou que, tendo sido vitima dum atentado o Presidente da Republica francesa, sr. Doumer, enviou, ao sr. ministro de Portugal em França, um telegrama, pedindo-lhe que em nome da Camara de Lisboa apresentasse ao governo francês as suas condolencias.

E passou a ler a seguinte proposta:

«Considerando que, na semana finda, foi vitima dum atentado que lhe causou a morte, o Presidente da Republica Francesa, Paul Doumer; considerando que esse atentado se verificou em circunstancias que o tornam, como todos os congeneres, verdadeiramente revoltante; considerando que a vida modelar do falecido Presidente avulta ainda mais a repulsa provocada pelo crime que o vitimou no nobre cumprimento do seu posto; tenho a honra de propor: que seja exarado na acta desta sessão um voto de profundo pesar pela morte de Paul Doumer, Presidente da Republica Francesa, e que seja transmitido á familia do extinto e á Legação de França».

O sr. tenente-coronel Garcês de Lencastre mandou para a mesa um voto de sentimento pela morte do sr. Arnaldo Pereira, 2.º oficial da 5.ª repartição da Camara.

Fôram aprovadas, entre outras propostas:

Do sr. Luiz Pastor de Macedo, reduzindo as taxas para a construção de casas economicas em grupos; do sr. Ferreira Canelas, concedendo licenças trimestrais, em lugar das semestrais exigidas, aos estabelecimentos novos, quando tais licenças sejam requeridas no 2.º ou no 4.º trimestre do ano; e do comandante José Francisco Monteiro, condenando, em vista do parecer dos tecnicos, a utilização da Quinta da Mitra para Matadouro, por não ultrapassar a referida quinta um terço da área reputada necessaria para a construção dum Matadouro moderno.

Na sua proposta, acrescenta o sr. comandante Francisco Monteiro:

—Que a Quinta da Mitra seja utilizada em qualquer outro serviço da Camara Municipal; que se proceda á escolha de terreno com a área necessaria para a instalação do novo Matadouro.

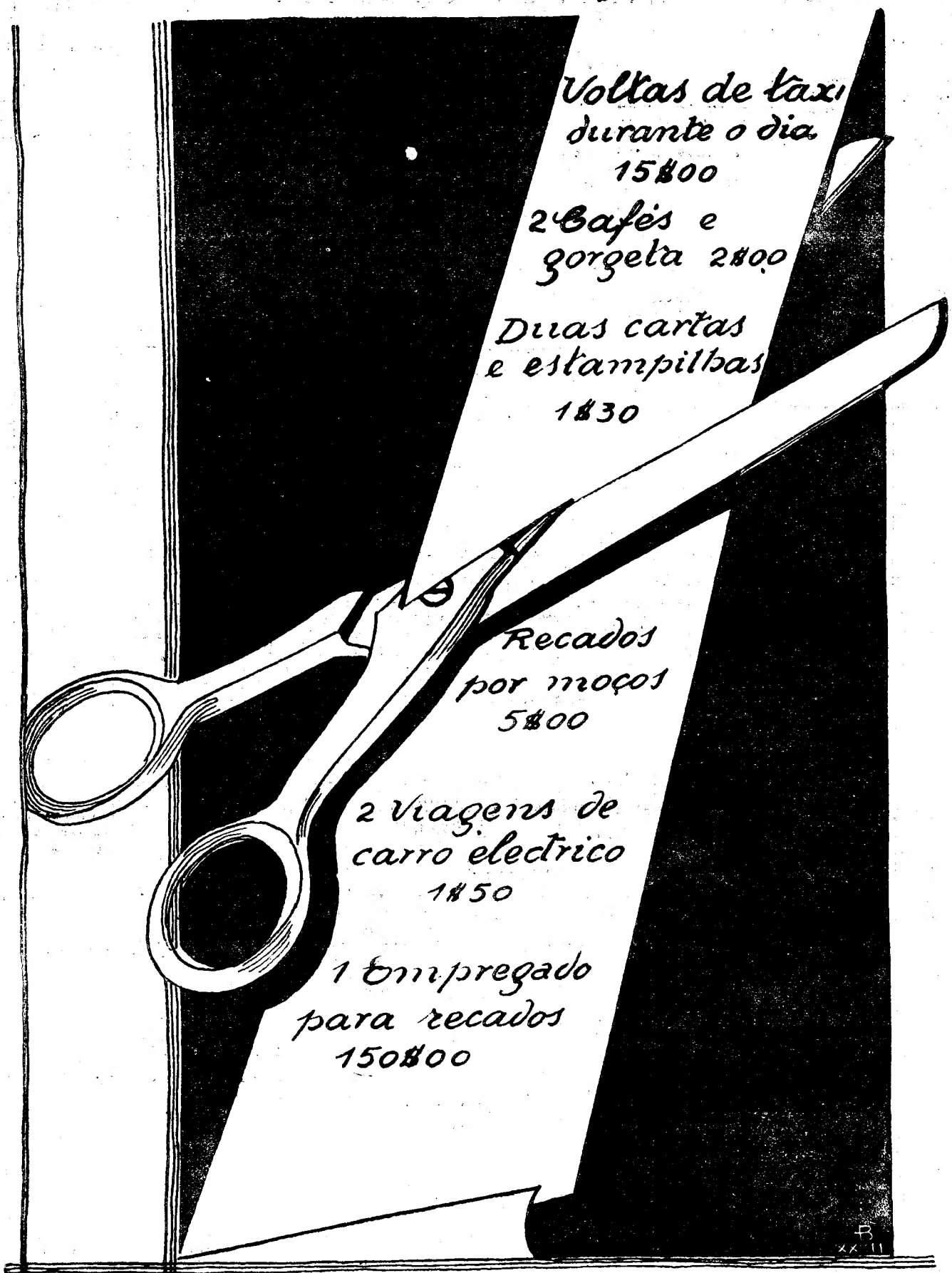
A proxima sessão foi marcada para o dia 19, ás 14 e 30.

Associação Comercial de Lisboa
Exportadores para a Africa
A Associação Comercial de Lisboa, Camara do Comercio, convida todos os Exportadores para a Africa, a reunir amanhã, sexta-feira, 13, ás 15 horas, na sua séde, Rua Eugenio dos Santos, 89, para se ocuparem da questão dos fretes maritimos.

Dr. Albino Pacheco
CURAS PELA HIDROTERAPIA
R. Nova da Trindade, 9

GUARANA'
Telef. N. 5077—LISBOA

Corte as despezas



Uma boa distribuição de verbas constitui o segredo da vida economica. Alguem pensou que duas viagens de carro electrico, de $75 centavos, ultrapassam o custo anual dum telefone, em casa? Alguem pensou que dois cafésinhos por dia e a competente gorgeta são suficientes para ter telefone na casa comercial?...

Informe-se na Companhia

INSTALE UM TELEFONE... êle se encarregará de lhe poupar tempo e dinheiro

A Companhia tem soluções de pagamento para cada caso, prestações trimestrais e mensais

Este é o anuncio da

ANGLO PORTUGUESE TELEPHONE C.º, LTD.

Rua Nova da Trindade, 43
LISBOA

Rua da Picaria, 5
PORTO

Tinjam em casa com as famosas tintas
ARTI
DEPOSITARIO GERAL:
José Nunes Coelho
RUA FRANCISCO SANCHES, 112 a 120

ESTRANGEIRO

Peça de sensação
A PASTILHA DO AMOR
que obteve um exito estupendo
no **APOLO** Hoje ás 9 3|4
Espectaculo prohibido para menores e improprio para meninas

As carreiras de navegação
sob a bandeira espanhola

MADRID, 12. — O ministro da Marinha, explicando a situação do problema dos transportes maritimos, depois da resolução das Constituintes contra a Transatlantica, disse que, rescindido o contrato, tinham-se ditado normas especiais acêrca de avais do Estado a obrigações da Companhia Transatlantica.

«O regime actual será transitorio, enquanto se prepara um novo concurso, acrescentou o ministro. Suprimir-se-ão as linhas do Mediterraneo, La Plata, Cuba e Nova York; continuarão, porém, as linhas da America Central e do Cantabrico, Cuba e Mexico. Proximamente levarei ás Côrtes um projecto de lei abrangendo um conjunto de medidas em que não só se respeitam as quatro linhas com a America, mas se aumentam outras, do Mediterraneo ao Extremo Oriente, dando-se a preferencia á carga e passageiros modestos. Além disso, um dos assuntos que ocupam o governo é atender á construção de navios mercantes e de guerra, á reforma de arsenais e estaleiros». — (United Press).

A crise mundial

NOVA YORK, 12—O economista dr. Butler voltou a falar sobre a crise mundial, que filiou nas muralhas aduaneiras levantadas pelos diferentes povos e no pagamento das dividas de guerra. E insistiu: no ano de 1931, os Estados Unidos receberam 240 milhões de dolares, em pagamento das dividas de guerra, mas perderam dez vezes mais, pela diminuição do comercio externo. Além disso, o tesouro viu descer as cobranças em cinco vezes aquela soma.

Afirmou que o remedio é a formação de uniões economicas, como a europeia, proposta por Briand, e a defendida por Tardieu, relativamente aos pases danubianos. E' necessario aumentar as areas da liberdade de comercio.—(Americana)

O Congresso do Frio

BUENOS AIRES, 12—A delegação mais numerosa ao Congresso Internacional do Frio, que se reune aqui no proximo mês de agosto, será a dos Estados Unidos, já deram a sua adesão a Inglaterra, a França, a Espanha e a Alemanha, que enviarão delegados. Muitos países far-se-ão representar pelos seus representantes diplomaticos. Já ha conhecimento de 150 trabalhos, sobre a produção e vantagens do frio artificial.—(Americana)

Tarifas aduaneiras

WASHINGTON, 12—O Presidente da Republica opôs o seu veto ao projecto de lei sobre tarifas aduaneiras, votado pelos democratas, pelo qual teriam passado para o Congresso as prerrogativas que ao Presidente da Republica competem sobre as alterações no plano de direitos.—(United Press)

Informações

AGENCIA ESTEVES. A mais antiga. Situação legal. Optimas referencias. Não confundir com os imitadores. Caixa postal 174. Telefone 2 5809.

POLICLINICA DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.° — Telefone 26195

DR. ARMANDO NARCISO — Medicina. Coração e pulmões—5 h.
DR. BERNARDO VILAR—Cirurgia Geral, operações—5 h.
DR. MIGUEL DE MAGALHAES—Rins e vias urinarias—10 h.
DR. CORREIA DE FIGUEIREDO—Pele e sifilis—5 h.
DR. LOFF — Doenças nervosas, electroterapia—2 h.
DR. MARIO DE MATOS—Doenças dos olhos—3 h.
DR. MENDES BELLO—Estomago, figado e intestinos—3 h.
DR. FILIPE MANSO—Doenças das crianças—2 h.
DR. CASIMIRO AFONSO—Doenças das senhoras, operações—2 h.
DR. FRANCISCO CALHEIROS — Garganta nariz e ouvidos — 4 h.
DR. ARMANDO LIMA—Boca e dentes, proteses 12 h.
DR. ALEU SALDANHA—Raio X — 4 h.
ANALISES CLINICAS

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

As recepções deste ano
na Côrte inglesa

LONDRES, maio. — O rei Jorge decidiu celebrar este ano tambem as quatro recepções tradicionais de 11 e 12 de maio, de 23 e 24 de junho, que renderão para o comercio inglês cêrca de meio milhão de libras. Ao que parece, foi esta consideração que moveu o monarca a dar estas recepções visto que a primeira ideia fora suspendê-las, pelo menos parcialmente. Falou-se de três recepções, por causa da menor afluencia de estrangeiros em Londres este ano, especialmente de americanos, que deviam ser apresentados na Côrte; por outro lado, o rei renunciou voluntariamente a um milhão de shellings da sua lista civil, o que o obriga a fazer economias.

A intenção de favorecer a economia nacional com estas recepções manifesta-se tambem no desejo expresso do soberano de que todos os vestidos que se usarem em tal ocasião deverão ser de fabricação inglesa. E' a primeira vez, ha 95 anos, que a Côrte faz uma advertencia desta natureza aos seus convidados.

Calcula-se que para os que se estreiam na Côrte serão necessarios 20.000 metros de tecidos de vestidos, 4.000 metros e tecidos para fatos de homem, 1.800 metros de encaixes, 8.000 pares de sapatos, 4.000 leques, etc., etc. O valor dos vestidos das damas será de mais de 5 milhões de shellings, o dos fraques e uniformes, milhão e meio, o dos sapatos, 800.000 shellings, etc.

Os vestidos da Côrte, que têm de sujeitar-se a determinadas normas, e nos quais estão especializados alguns costureiros de Londres, custam pelo menos 500 shellings; porém, a média calcula-se em 2.500 shellings, variando segundo a quantidade de encaixes que se empreguem. As americanas são as que mais luxo gastam em tais acontecimentos, e algumas delas levaram nas ultimas recepções vestidos que valiam mais de 5 000 shellings.

Uma parte essencial nos vestidos de corte é a cauda, que já por si custa uma fortuna. Indispensaveis são tambem os leques, de praxe na Côrte para toda a dama; costumam custar de 60 a 300 shellings, segundo o numero de plumas de avestruz. As plumas de avestruz são necessarias, como homenagem ao Principe de Gales, pois são um simbolo das suas armas.

Toda aquela que se estreia na Côrte deverá primeiramente aprender os diferentes costumes da Côrte, e especialmente as reverencias que deve fazer perante a cadeira do trôno. Estas lições custam tambem bom dinheiro. Poderiam mutas vezes economizar algumas despesas, mas os marechais da Côrte, no exame severo que fazem ás que se estreiam antes destas passarem ao Salão do Trôno, exigem o tirar dos vestidos certos adornos contrarios á etiqueta prescrita. — (United Press).

NO COLISEU

O final do campeonato de luta — Três combates gigantescos
Os ferozes Paradanoff e Molikowski contra Travaglini e Fullaondo

Grande programa de variedades

Autenticos combates entre gigantes são os que esta noite se realizam no Coliseu para a disputa do premio do grande torneio internacioal de luta greco-romana que hoje tem o seu termo com uma formidavel e sensacional sessão esperada com ansiedade pelo publico desportivo que tem seguido todas as fases deste campeonato aquilatando do valor de cada um dos contendores.

O primeiro combate põe em presença o extraordinario e hercúleo italiano Travaglini, admiravel exemplar atletico, com o colossal e cilindrico russo sovietico Paradanoff que é um adversario de respeito e que, tendo lançado um repto a todos os lutadores, ha de querer manter os seus creditos de invencivel. No segundo combate defrontam-se o possantissimo espanhol Fullaondo, adversario cheio de lealdade e de saber, com o terrivel, agressivo e desleal eslovaco Molikowski, cujos golpes de Nelson apavoram todos os seus adversarios e por ultimo combate o português Manuel Gonçalves, o nosso valente e nobre campeão com o placido mas cientifico prussiano Sturm que em todas as lutas em que tem tomado parte se tem manifestado um adversario para temer.

Com um tão formidavel grupo de atletas dificil se torna fazer previsões, visto que todos eles patentearão no «ring» os seus melhores e mais duros golpes e as suas melhores e mais cientificas defesas.

O programa de variedades que antecede a luta é composto por lindissimos bailados ritmicos e de fantasia e por admiraveis canções cujos «réfrains» são cantados pelo publico com o maior entusiasmo e alegria.

Nos proximos dias 14 e 15 apresentar-se-á o Orfeon Academico de Coimbra que executará um magnifico repertorio, havendo tambem canções, fados e guitarradas.

SAPATARIA INGLEZA

Desfazendo boatos comunicamos á nossa Ex.ma Clientela que acabamos de reorganizar as nossas oficinas, do que resultou umo sensivel **Baixa de preços, beneficiou a otima qualidade, perfeição e elegancia** que caracterizam o nosso calçado ha longos anos.
RUA DA PRATA, 180

DINHEIRO
EMPRESTA-SE em hipotecas de predios em Lisboa. Juro modico. **Rossio, 74, 1.°**

SORTES GRANDES?
Só a casa COSTA, LDA. as vende
75 = Rua de S. Paulo = 77

— Quer V. Ex.ª bôa cerveja, vá á «Chic».

Quereis dinheiro?
Jogai no
Gama
RUA DO AMPARO, 51, LISBOA—Telefone 2 4000

A Bolivia protesta
contra a ida de russos para o Chaco

BUENOS AIRES, 12. — Em certos meios aventa-se a hipotese de os movimentos militares bolivianos que ha pouco se notaram, e que foram desmentidos, se relacionarem com a emigração de menonitas para o Chaco, sob o patrocinio do Paraguai. A Bolivia protesta contra a chegada dos foragidos russos, em tais condições, considerando-a «ocupação ilegal», pois entende que o territorio onde eles vão estabelecer-se lhe pertence.

Esta versão é absolutamente verosimil. Pode supor-se que a colonização menonita constitui um motivo de discordia. Sabe-se que a Sociedade das Nações estuda o assunto porque é sob os seus auspicios que a referida colonização se faz.

A possibilidade dum conflito armado paraguaio-boliviano não está inteiramente afastada. As chancelarias americanas, especialmente a argentina, a brasileira, a chilena e a peruana, trabalham no sentido do desfazer as causas de divergencias. Em Washington continuam as negociações para a elaboração dum pacto de não agressão entre as duas nações litigantes. Os delegados do Paraguai declararam perante a comissão neutral que o seu país «não oporá qualquer dificuldade a um solido acôrdo». — (Americana).

Tribunal Internacional

WASHINGTON, 12—A comissão de assuntos externos do Senado opôs-se, por 11 votos contra 10 á adesão dos Estados Unidos ao Tribunal Internacional, a não ser que os juizes desse tribunal aceitem não adoptar decisões que afectem os Estados Unidos sem o consentimento do governo de Washington.—(United Press)

A marinha dos Estados Unidos

WASHINGTON, 12—Está assente que se começarão a construir, este ano, todos os navios de guerra que os tratados o permitam. O inicio dos trabalhos depende do conhecimento do resultado da Conferencia do Desarmamento.—(Americana)

Lotaria de Sabado, 14

400:000$00

Estão á venda na casa de cambios
D. E. GOUVEIA & SILVA
Suc. Manuel Alves da Silva Neves
84 — Rua d'Assumpção — 86
(Proximo á rua do Ouro)

Tribunal do Comercio de Lisboa
2.ª Vara

Neste Tribunal, cartorio do escrivão Angelo Lisboa, corre seus termos um processo de habilitação requerido pela firma Borges & Irmão contra Armando Mendes da Cruz, por apenso á acção que a mesma firma intentou contra este reu e outros.

E nos mesmos autos correm editos de 30 dias, a contar da ultima publicação legal, citando o referido Armando Mendes da Cruz, que residiu ultimamente na Rua do Seculo, 23, 1.°, desta cidade, e que actualmente se acha em parte incerta, para os termos do mencionado processo de habilitação e designadamente para contestar, querendo, dentro do prazo legal.

Lisboa, 25 de Abril de 1932.

O escrivão
Angelo Fernandes Lisboa

Verifiquei — O Juiz presidente: *Clemente Gomes*

ODEON HOJE ás 21,30 h.
A sensacional super-comedia da Paramount
Aventuras de Ton Sawyer

Edição das 5 horas

AZULEJOS E PANNEAUX das fabricas da Comp.ª das Fabricas Ceramica Lusitania
Lisboa R. Arco Cego, 88 | Porto R. Almada, 249 | Coimbra Loreto

HONRANDO AS LETRAS PATRIAS

O 3.º centenario de Frei Luís de Sousa foi hoje comemorado pela Acadamia das Ciencias

A Academia das Ciencias, em sessão da Classe de Letras, presidida pelo sr. dr. Julio Dantas e secretariada pelo sr. Joaquim Leitão, comemorou hoje o 3.º centenario do grande prosador português seiscentista D. Manuel de Sousa Coutinho, Frei Luiz de Sousa.

Foram três os academicos que tomaram parte nessa consagração: o presidente, e vice-presidente, dr. Julio Dantas e general Teixeira Botelho, e o socio efectivo prof. Queiroz Veloso.

O sr. dr. Julio Dantas, no seu primoroso e notavel discurso, ocupou-se da figura de Frei Luiz de Sousa com um brilho e uma elegancia de mestre.

Dr. Julio Dantas

Começou por evocar a tarde luminosa de maio em que, ha três seculos, Frei Luiz de Sousa morreu, quando as rosas abriam e os passaros cantavam no claustro alegre de S. Domingos de Benfica. Ocupou-se, em seguida, da obra de Manuel de Sousa Coutinho, «verdadeiro monumento erguido á lingua portuguesa», e, especialmente, da sua cronica monastica, «em cujas paginas, duma linguagem ao mesmo tempo brincada e austera, ingénua e forte, opulenta e dúctil, se sente palpitar o que ha de mais nobre e de mais profundo no sentimento humano». E', sobretudo, a figura de Manuel de Sousa academico, fundador, na sua casa solarenga de Almada, da primera academia privada portuguesa, que surge, animada pela palavra de Julio Dantas. Vêmo-lo, assistindo ás sessões, «interpretando textos latinos e sacrificando a Apolo, os cabelos já salpicados da neve dos cinquenta anos, tipo de severa elegancia, vestido de negro como certos retratos do *Greco*, a face palida, a barba em ponta, uma das mãos aberta no peito, a outra brincando com uma flor ou repousando, com negligencia, na taça de ferro da espada. Manuel de Sousa Coutinho «foi o primeiro homem que incarnou o pensamento academico em Portugal. O sr. dr. Julio Dantas mostrou-nos, depois, o futuro Frei Luiz de Sousa na sua fase amorosa e mundana, «*el «namorado português*», tal como o descreveu e lhe chamou Miguel Cervantes nos *Trabalhos de Pérsiles e Segismunda*, e disse-nos que Manuel de Sousa Coutinho, «quasi tanto como sóror Mariana, contribuiu para a fama de apaixonados e de sentimentais que na Europa do seculo XVII tiveram os portugueses». E, depois de considerar Manuel de Sousa, «no complexo das suas qualidades e, até, dos seus defeitos, um dos tipos maximamente representativos da raça», evocou a figura do grande historiador monastico, na tranquilidade da sua cela, «envolto no escapulario negro de S. Domingos, vivendo apenas para os seus dois ultimos e supremos amores: Deus, e a lingua portuguesa».

General Teixeira Botelho

A seguir usou da palavra o vice-presidente da Academia, sr. general Teixeira Botelho, historiografo ilustre, de cujo resumo damos apenas uma parte:

«Completam-se agora precisamente três seculos que se finou no convento de S. Domingos de Benfica, ao tempo ermo arrabalde de Lisboa, uma das maiores e das mais interessantes figuras das letras portuguesas de todos os tempos. Ha nessa grande figura como duas pessoas distintas, e tão distintas se me representam, que não sei como conciliá-las de um lado Manuel de Sousa Coutinho, fidalgo, na acepção que essa palavra tinha no seculo XVI, moço de vida exuberante, um pouco tocado pelo espirito de aventura, cativo dos argelinos aos vinte anos, quando da Sardenha se dirigia a Malta para, segundo se crê, se alistar na Ordem e milicia daquela ilha; depois, esquecido da patria, em Espanha, onde trata e perto com Jaime Falcão, poeta, humanista e matematico, cujas lições ouve; logo roubado por bandoleiros na Catalunha; um dia a caminho da India, onde não se assinala, e da America, onde, parece, o atrairam negocios particulares; mais tarde levando vida remansosa, todo enlevado no amor da esposa e da filha, na pitoresca vila de Almada, onde um dia resiste aos governadores do reino com tal sanha, que prefere destruir pelo fogo a casa que habita e homisiar-se a ceder ao que tem por violencia intoleravel; por ultimo vemo-lo, na volta dos sessenta anos, desprender-se de todos os laços que o prendiam ao mundo, para ir humildemente bater ás portas dum convento; do outro lado está a figura hieratica e submissa do dominicano Frei Luiz de Sousa, dedicando o tempo que lhe sobrava das rigidas obrigações monasticas á composição da cronica da Ordem e a outras obras que lhe haviam de grangear um nome de superior realce entre os escritores portugueses».

Depois duma rapida digressão pela biografia de Frei Luiz de Sousa, continua:

«Ocorre agora preguntar se será realmente tão grande como parece a disparidade entre Manuel de Sousa Coutinho e Frei Luiz de Sousa. Haverá na vida daquele, tão cheia de acidentes, algum ténue fio que o prenda ao erudito monge dominicano? Pois não revelou ele desde moço a mais decidida inclinação para as letras, certamente herdada do pai? Pois o que significa o ficar-se em Espanha no convivio dum homem ilustre, á volta do cativeiro; o que quere dizer a publicação das obras que prefaciou com elevação notavel, e a sua *Navegação Antartica*, onde afirma que o sitio de Almada «era muito apropriado ao convivio tão suave das musas», que significam todas estas coisas, quando cotejadas, senão que em Manuel de Sousa Coutinho e Frei Luiz de Sousa ha o mesmo espirito culto e amante das letras?».

Prof. Queiroz Veloso

Por fim, falou o reputado historiador de D. Sebastião, o critico literario de Gil Vicente, prof. Queiroz Veloso. Mostrou que a vida de Frei Luiz de Sousa está salpicada de pontos obscuros. E' impossivel, por exemplo, fixar o dia certo do seu falecimento, optando uns, como o padre Francisco de Santa Maria, pelo dia 5 de maio de 1632, e outros, como Frei José da Natividade, pela dia 11. Quanto ao nascimento, só é fora de duvida que nasceu em Santarem. Ignora-se, porém, o dia; e o ano de 1555 não passa duma conjectura de Frei Francisco Alexandre Lobo, podendo antecipar-se dois ou três anos, sem objecção procedente. Igualmente se desconhece onde estudou humanidades; mas, fosse no Colegio das Artes ou em algum convento da sua terra natal, conhecia bem a lingua latina.

O sr. dr. Queiroz Veloso foi desfiando depois a vida de Frei Luiz de Sousa, desde o seu cativeiro em Argel até á fuga para Madrid, em 1599, por haver lançado fogo á sua casa de Almada, como resposta a vexatoria requisição dos governadores do reino, que ha muito andavam já com ele em contenda. Mostrou que o seu testamento, encontrado pelo sr. Padre Francisco Manuel Alves, reitor de Beçal, e publicado na revista *Lusitana*, não só fixa a data certa do seu casamento com D. Madalena de Vilhena, mas revela qual foi a sua actividade na America, durante os anos que por lá se demorou, entre 1601 e talvez 1604.

Depois de analizar a lenda do romeiro, divulgada por Frei Antonio da Encarnação, e de acentuar o suave encanto da linguagem de Frei Luiz de Sousa, provou o sr. dr. Queiroz Veloso que se desconhece inteiramente, e é impossivel já determiná-lo, o sitio onde repousam os restos do grande escritor seiscentista.

A FRANÇA DE LUTO

OS FUNERAIS DE DOUMER

constituiram uma verdadeira apoteose á memoria do presidente assassinado

PARIS, 12. — Os funerais de Doumer constituiram uma imponente manifestação de pesar, que teve o aspecto duma verdadeira apoteose nacional á memoria do presidente assassinado. Não ha memoria de uma cerimonia tão comovente e concorrida nestes ultimos anos como a de hoje.

Na presidencia do funeral seguia o sr. Alberto Lebrun, actual Presidente da Republica, rodeado de pessoas de familia do ilustre morto e dos membros do governo francês. Seguiam-se os representantes de quarenta paises estrangeiros, entre os quais se viam o rei Alberto da Belgica, o principe de Gales, o duque de Aosta, o principe Paulo da Servia, embaixadores de todos os paises, entre os quais o comandante Gama Ochôa, ministro de Portugal em Paris, que representava especialmente o governo português e o sr. general Carmona.

Chegado o cortejo á igreja de Notre-Dame, foi celebrado um solene «requiem» pelo cardial Verdier, arcebispo de Paris, findo o qual se retomou o caminho do cemiterio de Vaujirard, onde o corpo do presidente foi encerrado em jazigo de familia, ao lado dos quatro filhos que lhe morreram na Grande Guerra.

Todos os edificios publicos hastearam a bandeira tricolor a meia haste, fechando as repartições para que todos os funcionarios se encorporassem no funeral. — (United Press).

Pormenores impressionantes

PARIS, 12.—Os automoveis da Presidencia sairam do Eliseu pouco antes das 8 horas, conduzindo para a igreja de Nôtre Dame a familia do Presidente assassinado. Madame Doumer passa, recolhida na sua dôr e acompanhada pelos filhos, no meio das esposas dos oficiais da casa militar da Presidencia. Nem uma só janela está vasia. As pessoas comprimem-se nas varandas. Os fotografos operam sem cessar.

A's 8 e 5 aos acordes da marcha funebre de Chopin o cortejo começa a deslocar-se. A areia que foi lançada na avenida dos Campos Eliseos range sob as rodas do carro funebre. A multidão imensa e recolhida, que ha algumas horas aguarda a passagem do cortejo, descobre-se respeitosamente. Os candeeiros estão acesos e cobertos de crepes.

A's 8 e 25, o cortejo desemboca na Praça da Concordia, onde se alinham a cavalaria da Guarda Republicana com banda de musica, a guarda dos alunos da Escola de Saint Cyr, os alunos da Escola Politecnica e os ex-combatentes.

Desde o romper do dia que a população de Paris formava alas ao longo das ruas em que devia passar o cortejo. A's janelas e em todos os monumentos e edificios da grande praça, agitavam-se verdadeiros cachos humanos.

No Jardim das Tulherias via-se uma grande multidão.

Desde que a testa do cortejo desemboca na Praça a multidão faz um silencio profundo e comovente. Ouvem-se soluços, e de minuto a minuto o surdo rufar dos tambores. A' passagem do corpo, os homens descobrem-se e as mulheres benzem-se. Os pais levantam os filhos nos braços e mostram-lhes o cortejo. A rua Rivoli abre-se á marcha funebre com uma longa fila de candeeiros acesos cobertos de crepes. A multidão é ainda mais densa e olha com viva curiosidade o rei Alberto da Belgica, muito direito no seu grande uniforme de general; o principe de Gales, cuja cabeça desaparece sob um enorme boné cinzento de coronel da cavalaria da Guarda; o imperador do Annam, o duque de Aosta, o principe Paulo da Iugo Eslavia com o peito constelado de condecorações. Lebrun, muito grave, faz o seu primeiro contacto com o povo de Paris. Os marechais de França, Petain, Lyautey e Maglione, o nuncio apostolico, uniformes rutilantes dos países estrangeiros.

O cortejo chegou em frente da estatua equestre de Joana d'Arc, ao pé da qual se vêm grupos de bandeiras dos ex-voluntarios franceses e estrangeiros. Nos passeios, os escoteiros fazem guarda de honra. Quasi todas as casas estão decoradas com bandeiras tricolores veladas de crepe.

A multidão é cada vez mais densa. Em frente do Palais Royal, ministerio das Finanças e Museu do Louvre, ha gente até nos telhados. A praça da Camara Municipal apresenta um aspecto de tristeza impressionante. Os quatro lampadarios de cinco ramos que flanqueiam a entrada da «Maison Comune» estão envoltos em crepe. Um imenso crepe negro cai do campanario até aos balaustres do primeiro andar.—(Havas)

A reportagem dos funerais de Doumer será completada na 2.ª edição.

As exequias em S. Domingos

Na igreja de S. Domingos foram hoje celebradas, como se anunciára, exequias solenes por alma de Paul Doumer.

O templo, que fôra decorado de luto, encheu-se de fieis, vendo-se em lugares especiais de distinção todo o elemento oficial e todo o Corpo Diplomatico.

No altar mór, reservado aos convidados e ás demais pessoas de representação, estavam, do lado do Evangelho, o sr. comandante Pedroso de Lima representando o Chefe do Estado, e os membros do governo, representado o sr. dr. Oliveira Salazar pelo sub-secretario das Finanças sr. dr. Aguedo de Oliveira, e, do lado da epistola o Nuncio Apostolico e todos os restantes membros do Corpo Diplomatico acreditado em Lisboa.

O rev. Ferdinand Monet, reitor da igreja de S. Luiz de França, celebrou a missa «de requiem», acolitado pelos reverendos Dondeyne e Hul, e, após ela, o «Libera-me».

O sr. Arcebispo de Mitilene com Mgr. Vieira e o reverendo Luz Borba, assistiram tambem no altar-mór, do lado do Evangelho, tendo os convidados sido recebidos á entrada do templo pelo Encarregado de Negocios da França e pelo pessoal da sua Legação.

Em frente da igreja fazia a guarda de honra uma força da G. N. R. com a respectiva banda de musica.

CURIA
Agua soberana no Artritismo
Moderno estabelecimento termal. Os melhores e mais economicos hoteis do pais
Abertura a 15 de Maio
PALACE HOTEL DA CURIA
Aberto todo o ano.

MAXIM'S | FESTA DA PRIMAVERA
Jantar á Portuguesa
Preço 20 Escudos
Despedida da COMPANHIA NEGRA DOUGLAS
KITTY ET ELENA
do CASINO DE PARIS

—Quer V. Ex.ª uma cerveja bem tirada? Vá ao La-Gáre.